

ACERCA DA CERÂMICA DA ÉPOCA ROMANA DO CABEÇO DA BRUXA, ALPIARÇA

Manuela Delgado

A campanha de escavações de Janeiro/Fevereiro de 1979 forneceu um número extremamente escasso de fragmentos de cerâmica romana de importação, e estes mesmos relativamente tardios, com excepção dum pequeno fragmento de lucema do séc. I d.C. cujo disco é ornamentado com uma cabeça de Mercúrio coberta pelo «petasus». (Est. XIII, 4). (x).

Não foi encontrada qualquer cerâmica de importação dos sécs. I a.C. ou I d. C, por exemplo uma Sigillata Itálica ou cerâmica campaniense; nem mesmo até Sigillata Sudgálica está presente.

A presença de Terra Sigillata Hispânica é atestada apenas por 4 fragmentos. Três deles pertencem a formas lisas indetermináveis, dada a exiguidade dos referidos fragmentos, e o quarto representa parte da parede duma forma Drag 37, com uma decoração muito rudimentar, constituída associalmente por bandas paralelas de motivos verticais geométricos do tipo tardio Mesquiriz 2131 (2). O fabrico é degradado (com engobe sombrio, baço e muito deteriorado no fragmento decorado e engobe alaranjado com algum brilho nos restantes) como é habitual na produção dos fins do séc. III e séc. IV d.C

A Terra Sigillata Clara, está representada por um total de 7 pequenos fragmentos. Dois deles pertencem à 2.^a fase do fabrico C e à forma Hayes 67 de paredes pouco espessas e pequenas dimensões, muito provavelmente em curso nos fins do séc. IV e 1.^a metade do séc. V. A forma Hayes 67, corrente em fabrico D, é muito rara no fabrico C. A presença aqui destes 2 fragmentos (num total de 7 apenas) confirma a frequência, em Portugal, desta forma, em fabrico C, frequência já constatada pelo estudo e observação do material de Conimbriga e de Sines (3). Os restantes 5 fragmentos de Terra Sigillata Clara representam a 1.^a fase do fabrico D: dois deles correspondem, respectivamente, a parte da aba duma forma Hayes 67, e a parte da parede e aba da forma Hayes 58, duas dar formas mais difundidas na Bacia do Mediterrâneo, desde os meados do séc. IV a meados do séc. V d.C Não é possível determinar a forma dos três restantes fragmentos por corresponderem a uma pequena parte da parede e fundo, comuns a várias formas.

(x) Estes fragmentos são tão pequenos que não nos pareceu valer a pena publicar aqui o desenho de nenhum deles. Pelos mesmos motivos, não se reproduz também a cerâmica alaranjada fina de que adiante se falará.

(2) M. A. Mesquiriz de Catalán, *Terra sigillata hispânica, II*, 1961, est. 109, 2131.

(3) M. Delgado, *Fouilles de Conimbriga IV*, 1975, est. 70, 70-74.

Uma primeira visão de conjunto da cerâmica comum ⁽⁴⁾ proveniente do Cabeço da Bruxa permite verificar que, em contraste flagrante com os fabricos de importação, ela é bastante abundante e variada.

Também é evidente o predomínio de exemplares que, quer pelas formas quer pelos fabricos, nos parecem tardios, isto é, posteriores ao séc. III d.C. Lembramos contudo que, tratando-se duma cerâmica comum local ou regional, qualquer indicação cronológica é feita sob grande reserva, até ser confirmada ou negada pelos dados estratigráficos.

Tal como assinalamos a ausência dos fabricos de importação mais antigos, também agora notamos a raridade ou ausência de cerâmicas comuns finas, frequentes nos estratos do Alto Império de todos os sítios romanizados, como, por exemplo, as cerâmicas alaranjada e cinzenta polidas ao seixo, em que o polimento é utilizado frequentemente como técnica de decoração. De facto, foram encontrados apenas 3 fragmentos de cerâmica alaranjada fina um. dos quais apresenta uma decoração polida constituída por traços oblíquos paralelos. Estes fragmentos não foram desenhados dadas as suas exíguas dimensões que não permitem determinar a forma.

Apesar da relativa abundância desta cerâmica julgamos prematuro apresentar um estudo detalhado dela, pois consideramos ainda insuficientes o número e dimensões dos fragmentos assim como os dados estratigráficos obtidos para permitir estabelecer uma correcta tipologia. As mesmas limitações não se põem para o estudo dos fabricos que poderiam assim começar a ser definidos, desde já. Achamos, todavia, que não se justifica fazê-lo separadamente do estudo das formas.

Limitar-nos-emos, pois, de momento, a destacar dois fabricos que se impõem imediatamente quer pelas suas características, quer ainda pelos dilatados limites cronológicos que algumas das suas formas atestam com suficiente segurança.

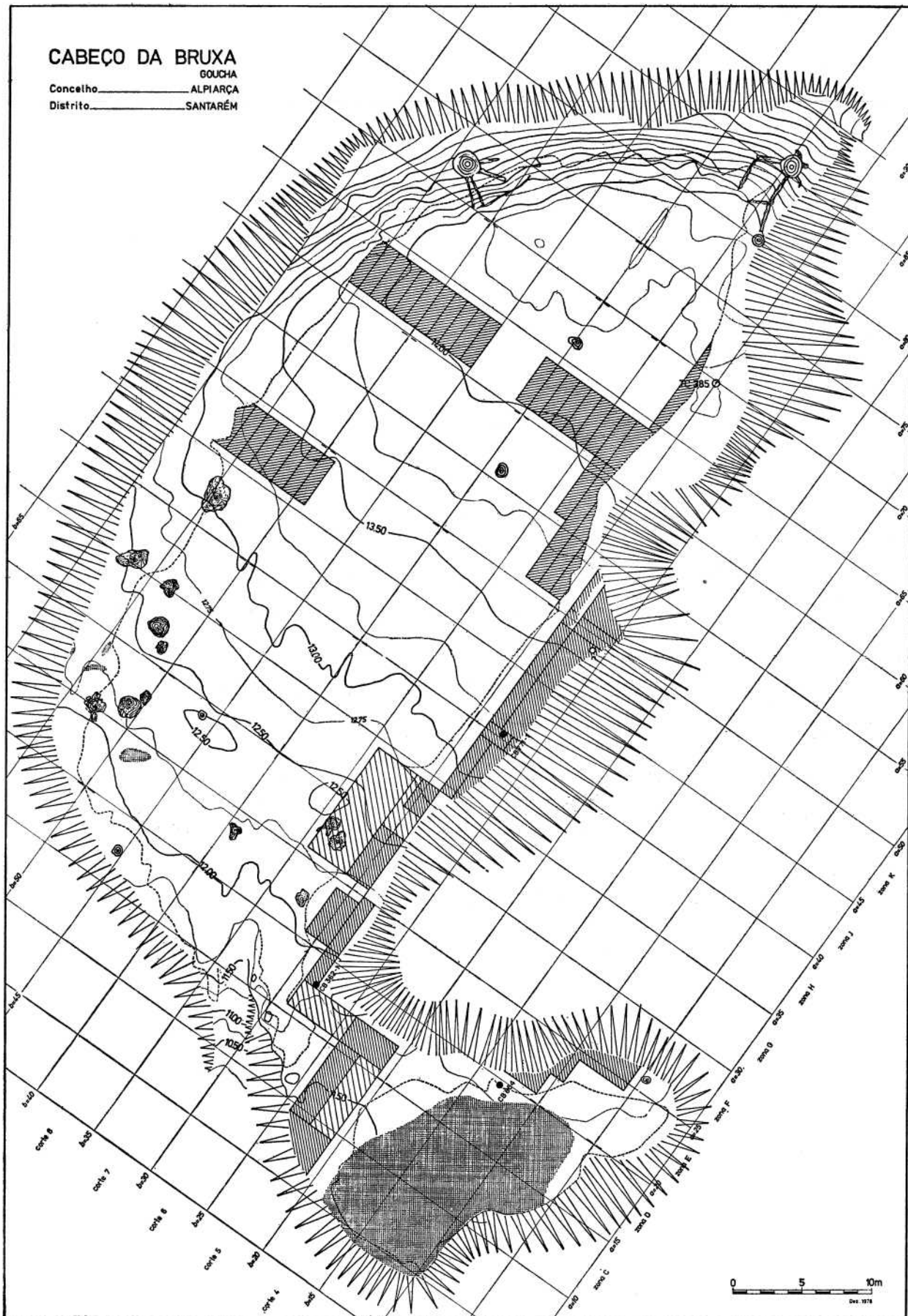
O primeiro e mais importante destes fabricos, não só pela variedade das formas que apresenta mas também pela duração que algumas delas evidenciam, possui um barro micáceo fino, com desengordurante abundante medianamente classificado (predominando os calibres médio e fino), constituído por feldspatos, grãos angulosos de quartzo e raros minerais ferromagnesianos, sendo a mica ausente ou apenas vestigial. O acabamento é sempre rudimentar: a superfície da maioria das peças recebem apenas um simples alisamento aparentemente feito com um trapo ou pedaço de couro maleável. Nalguns exemplares este alisamento é extremamente ligeiro, noutros mais cuidado e enérgico dando então à superfície um ténue brilho.

As formas deste fabrico já detectadas atestam seguramente a sua longa duração. Reconhecemo-lo nos ídolos-de-cornos ⁽⁵⁾, e em grande número de peças feitas à mão, de que damos, a título de exemplo, alguns perfis (Est. VII 1 a 6), o primeiro dos quais remonta ao Calcolítico. Reconhecemo-lo ainda num não menor número de peças cujas formas são comuns, noutros tipos de fabrico em estratos do Baixo Império. (Est. Vil, 7 a 16). ⁽⁶⁾.

O 2.º fabrico, também muito abundante, é menos cuidado e menos homogéneo que o anterior, embora facilmente reconhecível pelo aspecto exterior poroso das peças.

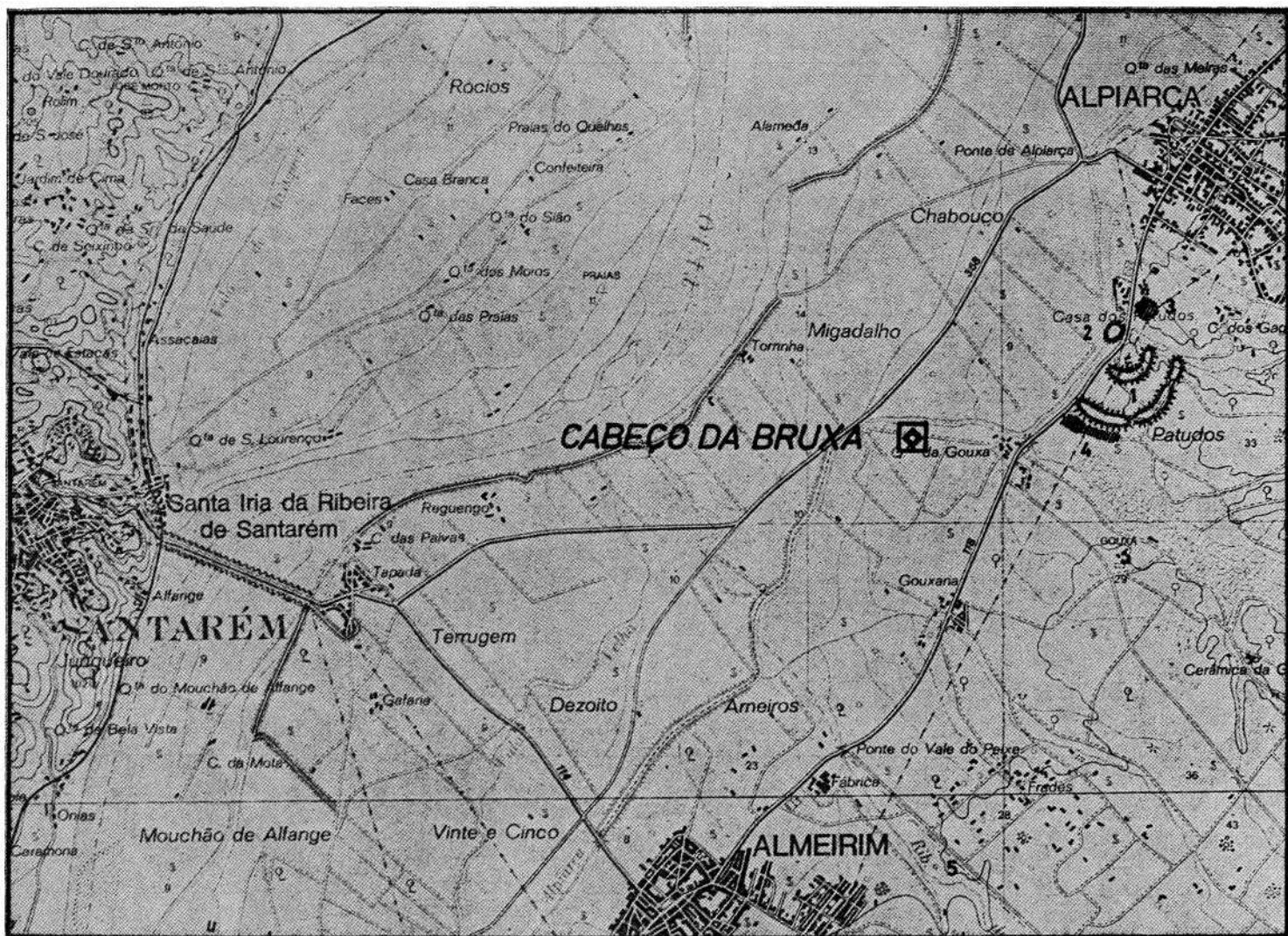
⁽⁴⁾ Sob esta designação compreende-se aqui toda a cerâmica que não é considerada nem importada nem de paredes finas. Trata-se, portanto, de cerâmica local e regional, cuja forma e pasta apontam para um fabrico e uso no período da ocupação romana. Salienta-se mais uma vez que isso terá de ser comprovado pelos dados estratigráficos.

⁽⁵⁾ J. Alarcão, *Fouilles de Conimbriga V*, 1976, p. 24.

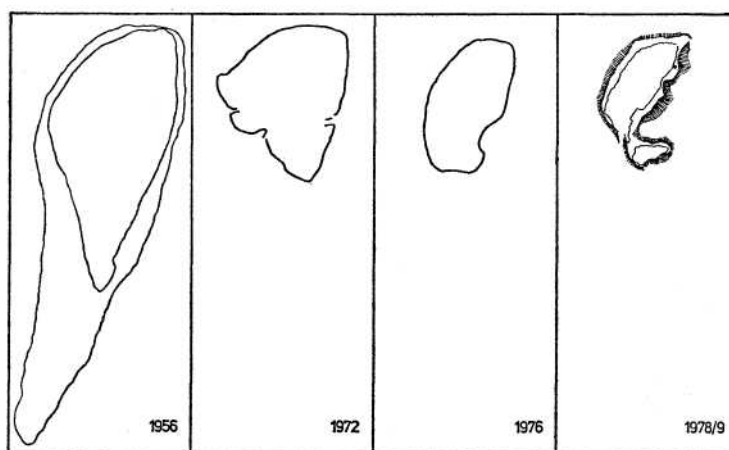


- Ponto de triangulação cadastral
- Ponto de quadrícula cimentado
- Quadrícula
- ▨ Área escavada na 1.ª e 2.ª Campanha
- ▧ Área não completamente escavada
- Enterramento em urna, idem incerto
- ▨ Escarpado antes da cheia
- ▨ Parte superior do escarpado depois da cheia
- 1275 Nível máximo da cheia
- ▨ Zona remexida e tocas de roedores
- Árvores e raízes, ramos soltos amontoados

Cabeço da Bruxa, Alpiarça. Planta Topográfica 1:400 (levantamento Kalb/Höck)



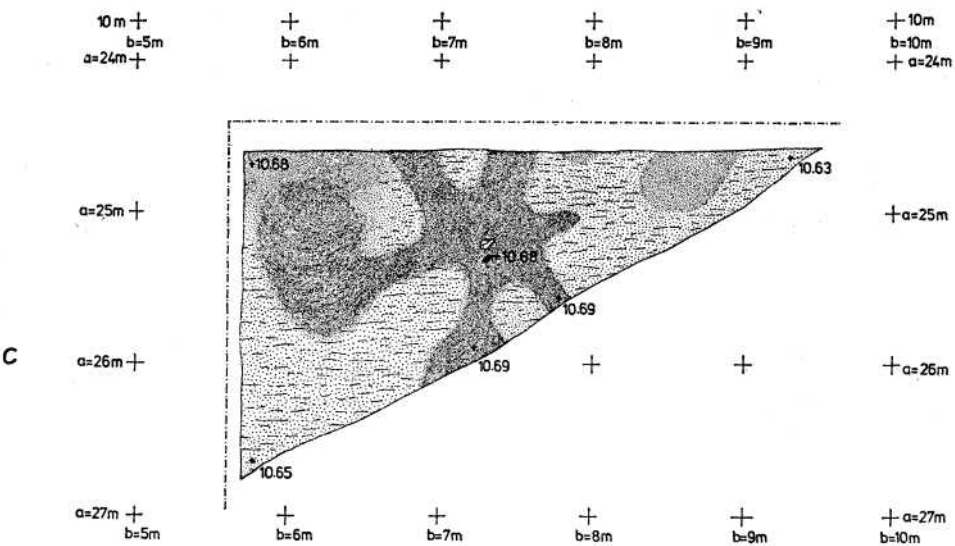
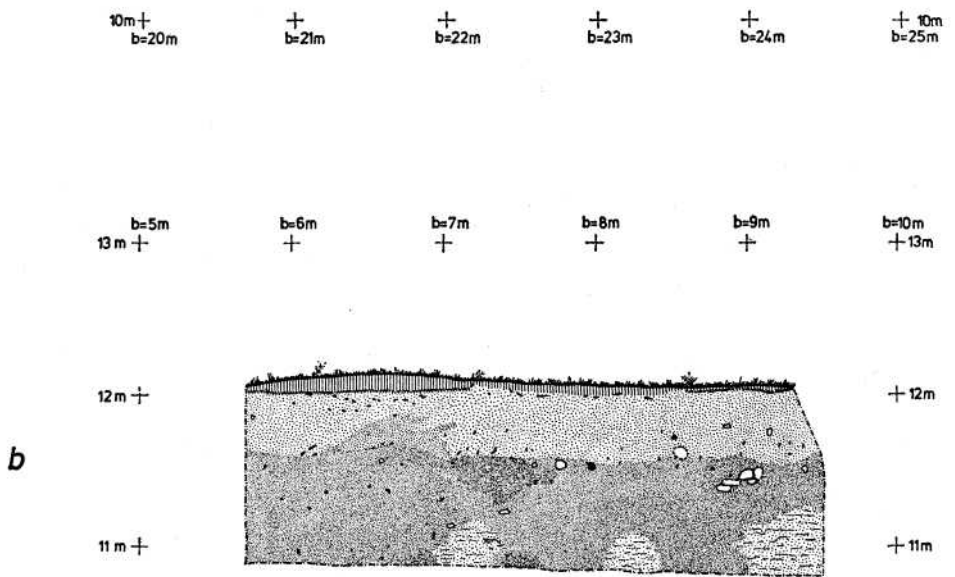
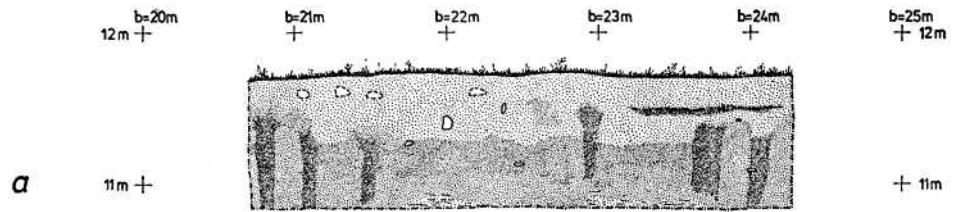
1—Reprodução parcial da Carta Corográfica de Portugal 1:50 000, 3.1-A, 1976, com localização das estações arqueológicas da região de Alpiarça: Cabeço da Bruxa; Alto do Castelo (1); Cabeço da Bruxinha (2); Necrópole do Tanchoal (3); Necrópole do Meijão (4); Vale do Peixe (5). 1-4 seg. G. Marques, *Arqueologia de Alpiarça* (cf. Nota 3).



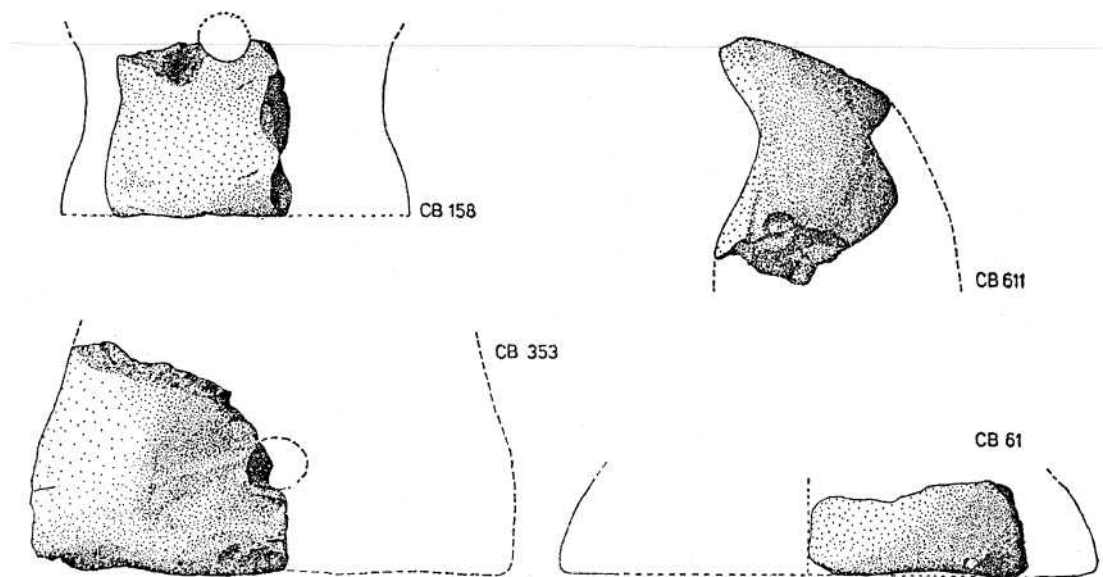
2 — Extensão do Cabeço da Bruxa: 1956 (seg. Planta Cadastral); 1972 (Planta G. Marques e G. Migueis Andrade); 1976 (Esboço de Planta J. Ludgero Marques Gonçalves); 1978 antes da cheia (sinal de escarpado), 1979 depois da cheia (linha). 1:5000.

Possue uma pasta bastante micácea com desengordurante mal classificado, constituído essencialmente por quartzo rolado e cerâmica cozida. A côr, pouco homogénea, pode ser alaranjada, acastanhada, terrosa e até acinzentada. A superfície é sempre alisada. O alisamento feito provavelmente com um trapo na peça meio seca, cuja superfície foi novamente humedecida, provocou a formação duma película acinzentada (com um ligeiro brilho nalgumas peças) que pode ser confundido com um engobe. Esse mesmo alisamento provocou ainda a deslocação para o exterior das partículas de quartzo que compõem o desengordurante ou, mais vulgarmente, a sua completa expulsão. A superfície das peças apresenta-se assim, sistematicamente coalhada de partículas ou crivada de pequenos orifícios, dando a este fabrico um aspecto muito peculiar.

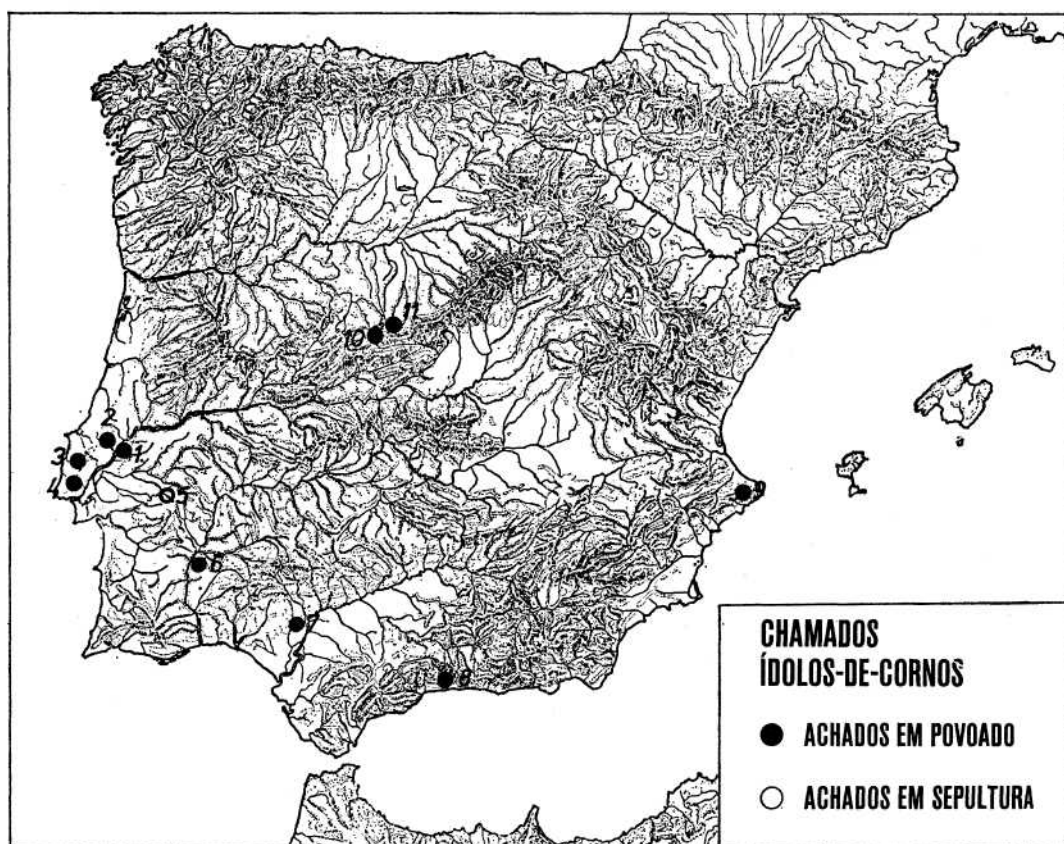
O reportório de formas é pobre, incluindo algumas feitas á mão (Est. VIII, 1-3), e outras torneadas (Est VIII, 4-15), com predomínio dos pratos baixos de parede encurvada e bordos simples, bispados na face interna, revirados para o interior ou mais ou menos triangulares.



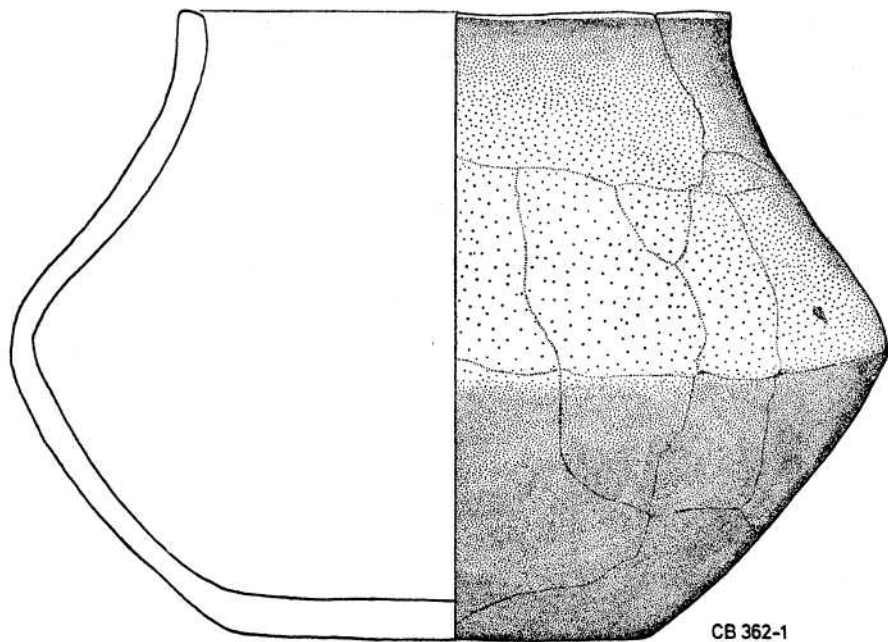
Cabeço da Bruxa, Alpiarça. a Perfil em $a = 15,60$ m (corte 5 D) com galerias de toupeira; b Corte 2 C, perfil em $a = 24$ m; c Corte 2 C, plano 7 com toca de toupeira 1:50



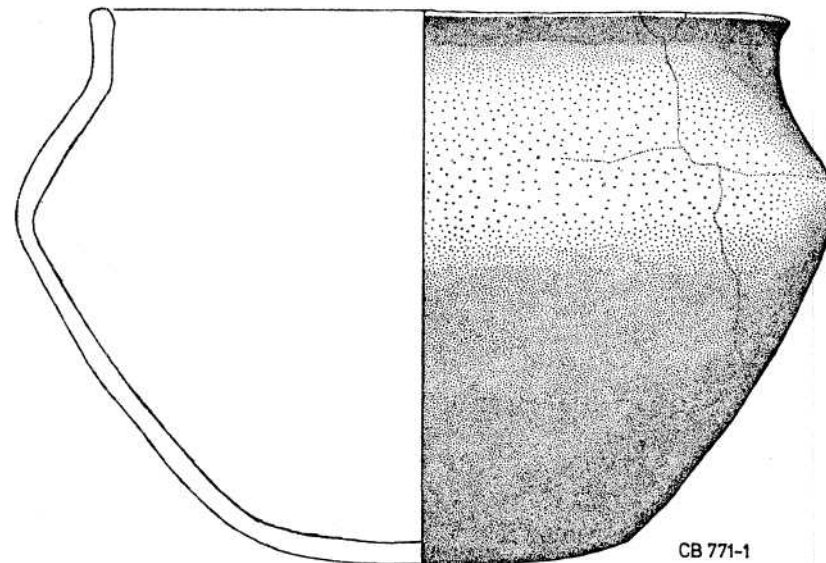
1 — Cabeço da Bruxa, Alpiarça. Fragmentos de chamados Idolos-de-Cornos. 1:2



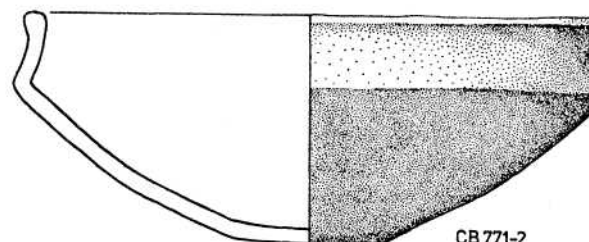
2 — Distribuição dos chamados Idolos-de-Cornos na Península Ibérica. 1. Cabeço da Bruxa, Alpiarça; 2. Vila Nova de São Pedro, Azambuja; 3. Pico Agudo, Torres Vedras; 4. Penedo de Lexím, Mafra; 5. Santiago do Escoural, Montemor-o-Novo; 6. São Brás 1, Serpa; 7. Valencina de la Concepción, Sevilla; 8. Morro de Mezquitilla, Málaga; 9. Mas de Menente, Alicante; 10. Diego Alvaro, Avila; 11. La Pena dei Aguila, Avila; 12. Não cartografado: Cerro do Castelo, St.^a Justa, Alcoutim (amável informação V. dos Santos Gonçalves).



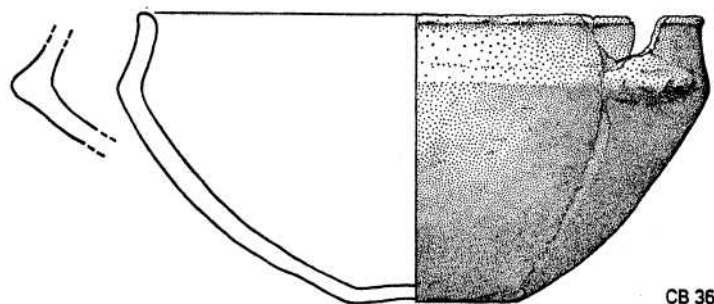
CB 362-1



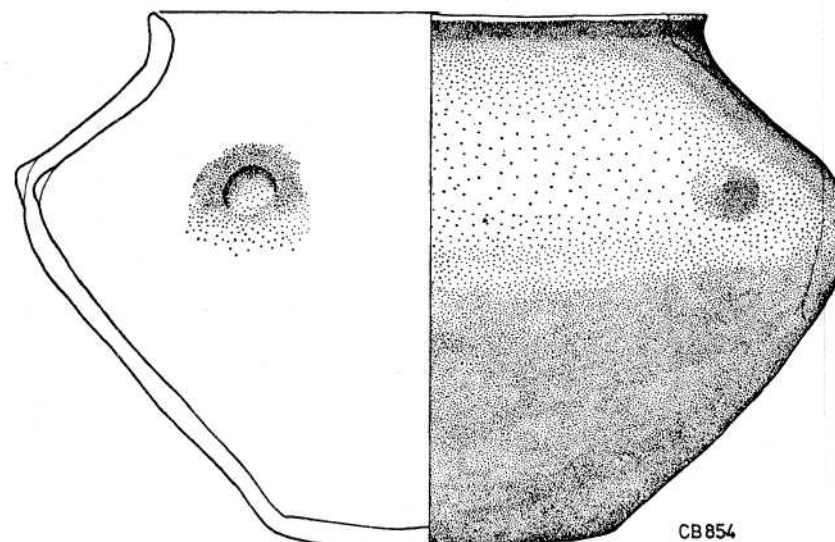
CB 771-1



CB 771-2

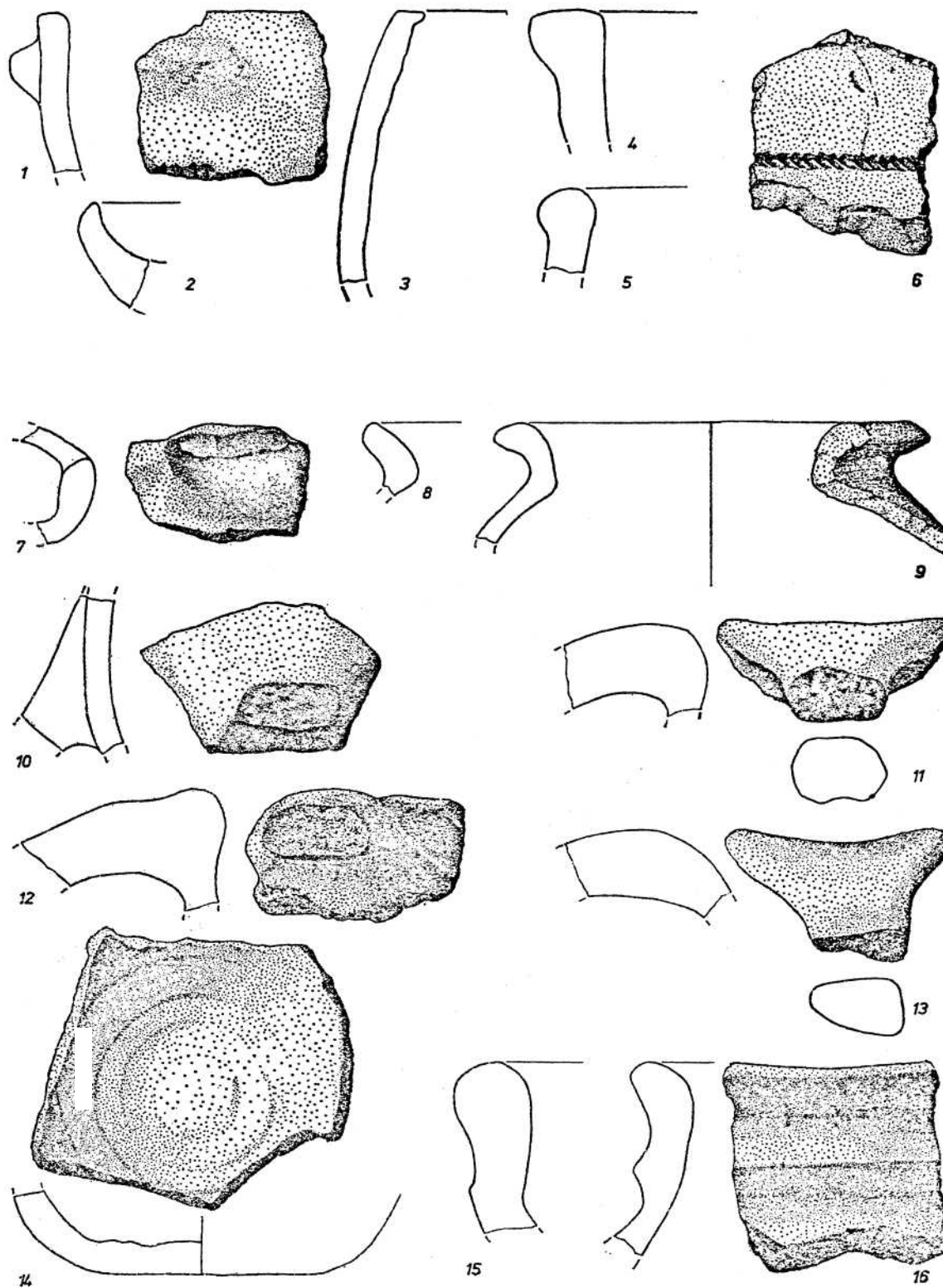


CB 362-2

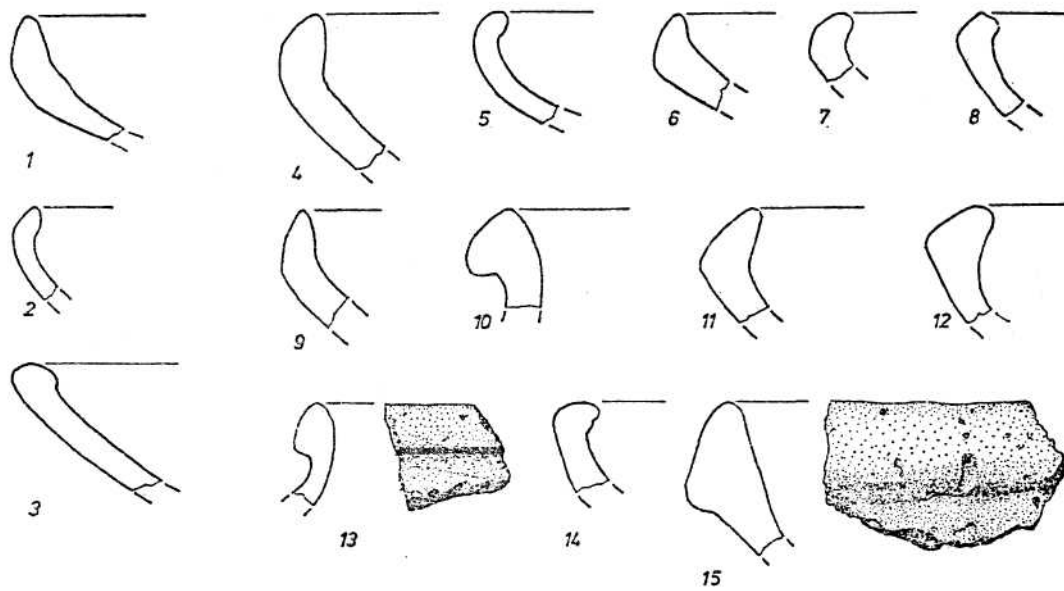


CB 854

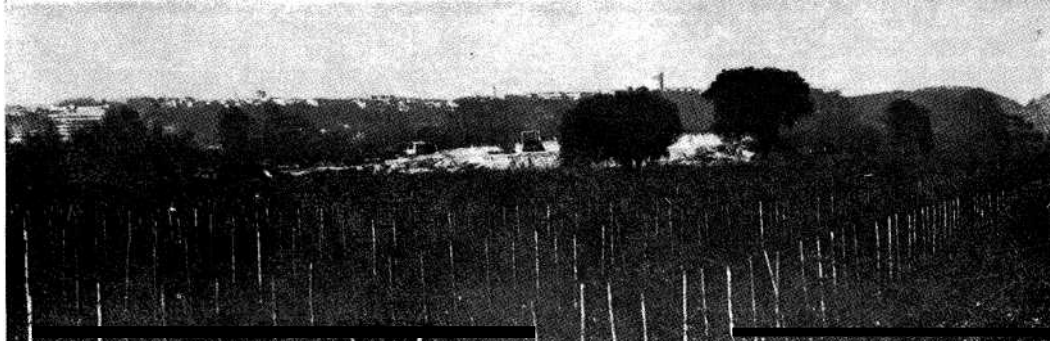
2 — Cabeço da Bruxa, Alpiarça. Urna CB 771-1 e vaso acompanhante CB 771-2;
Urna CB 854. 1:2



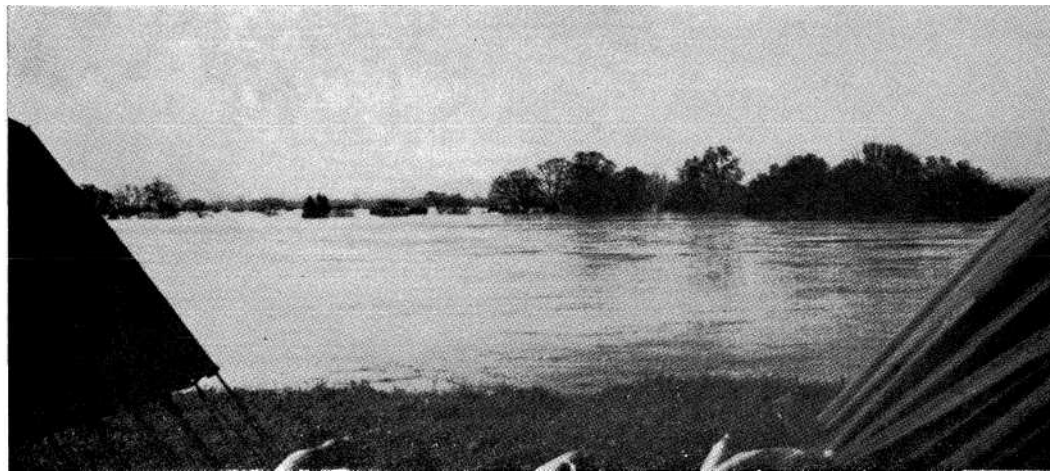
Cabeço da Bruxa, Alpiarça. 1-6 cerâmica feita à mão (1. CB 6; 2. CB 37-1; 3. CB 682; 4. CB 203; 5. CB 447; 6. CB 461); 7-16 cerâmica torneada (7. CB 36; 8. CB 446; 9. CB 461; 10. CB 338; 11. CB 417; 12. CB 788; 13. CB 417; 14. CB 425; 15. CB 328; 16. CB 1). 1:2



Cabeço da Bruxa, Alpiarça. 1-3 cerâmica feita à mão (1. CB 33; 2. CB 125; 3. CB 526);
 4-15 cerâmica torneada (4. CB 78; 5. CB 365; 6. CB 503; 7. CB 504; 8. CB 531;
 9. CB 71; 10. CB 568; 11. CB 150; 12. CB 136; 13. CB 291; 14. CB 503; 15. CB 136) 1:2



1

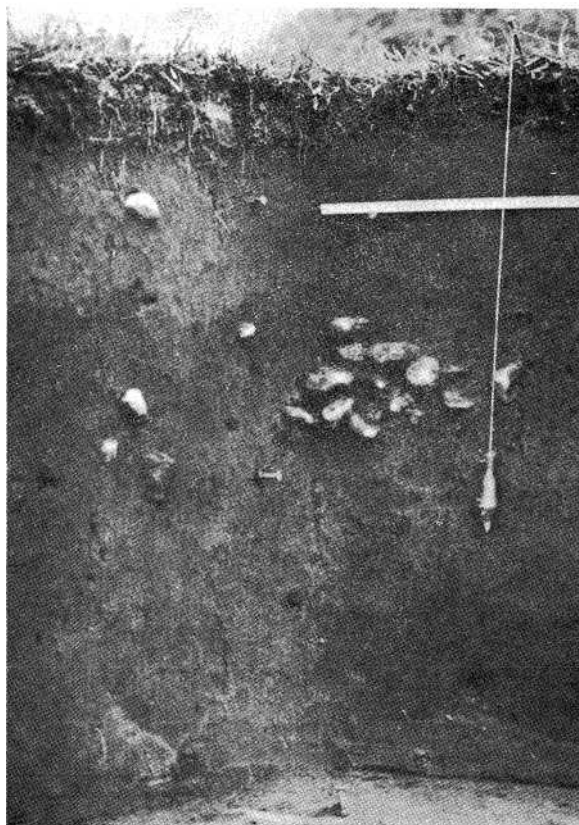


2

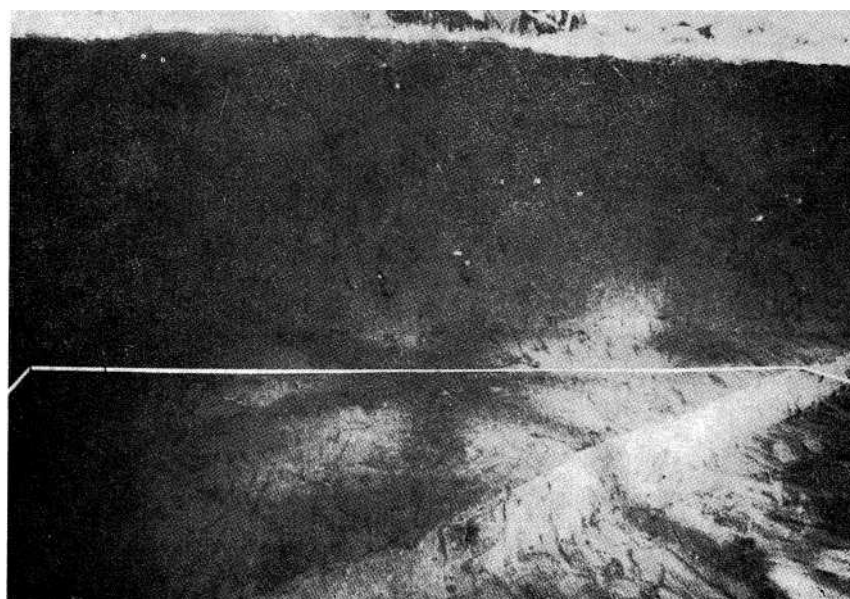


3

Cabeço da Bruxa, Alpiarça. 1. Vista geral, com o local das escavações destacando-se da planície em redor; 2. Vista sobre a planície durante a cheia, tirada da escavação na direcção da curva da Vala de Alpiarça; 3. Aspecto da escavação pouco depois do início da primeira campanha.

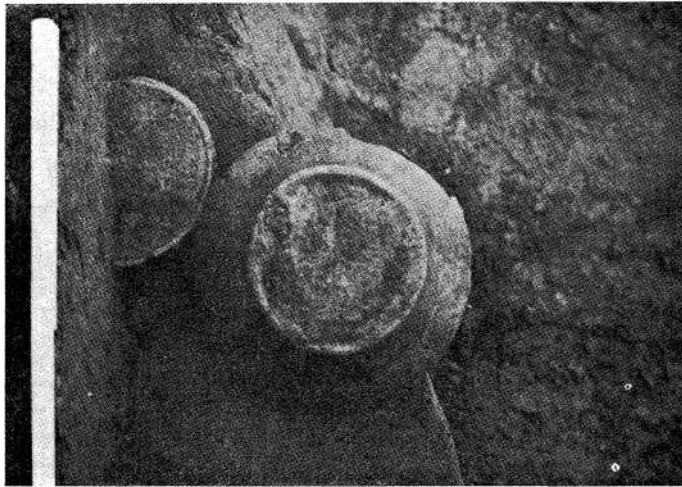


1



2

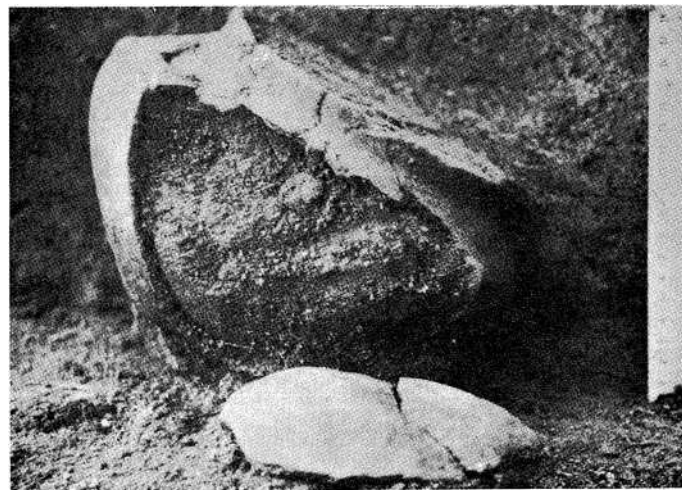
Cabeço da Bruxa, Alpiarça. 1. Antiga superfície lavrada e amontoada de pedras no perfil; 2. Toca de toupeira no corte 2 E e F, plano 7.



1

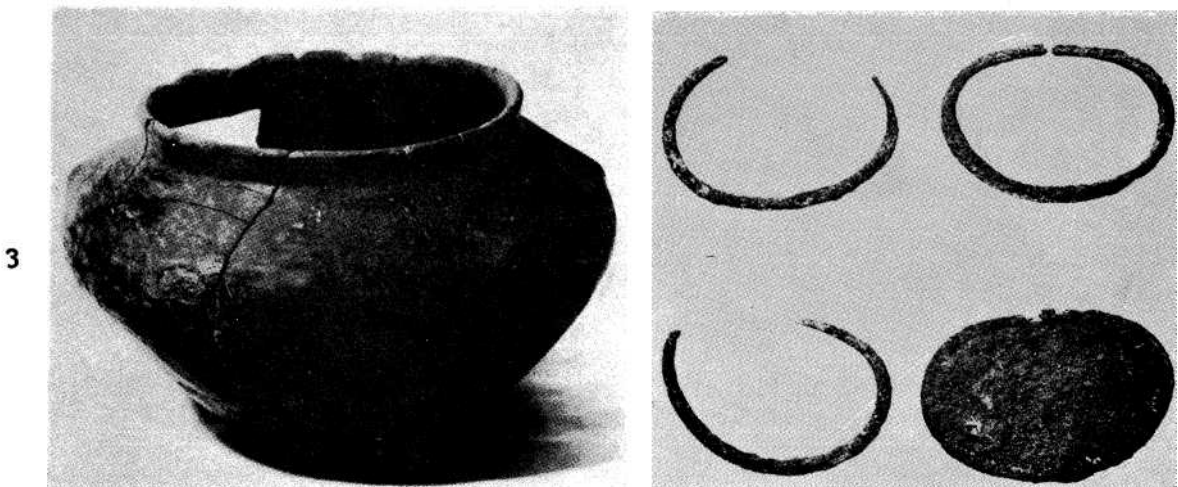


2

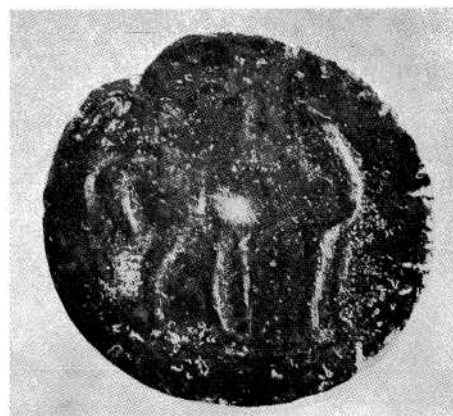
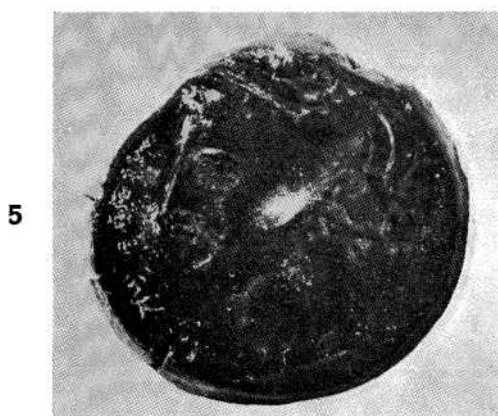
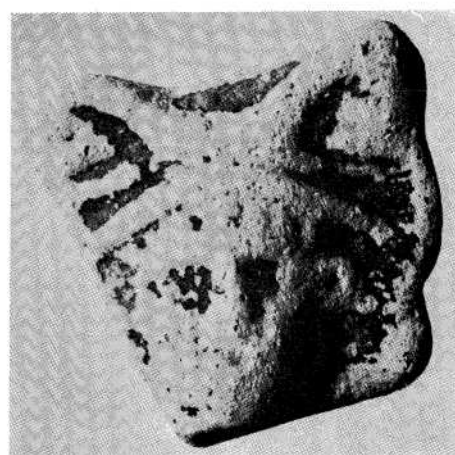
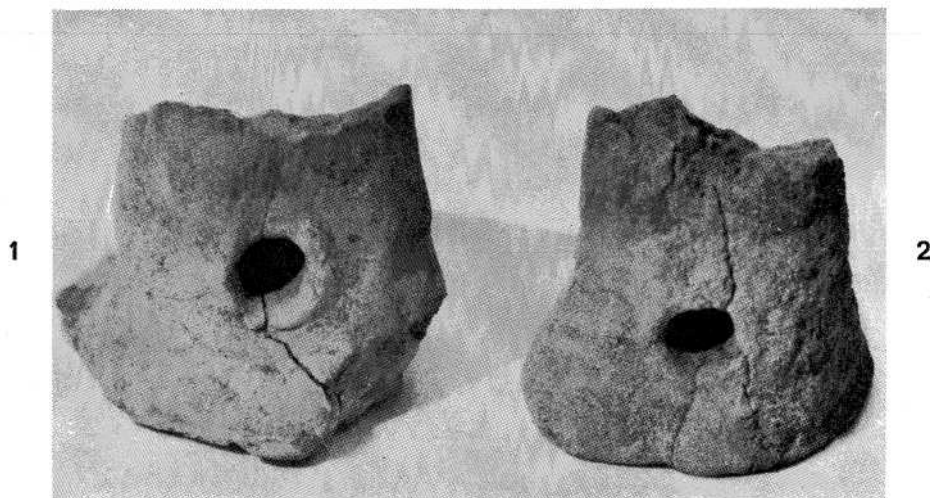


3

Cabeço da Bruxa, Alpiarça. 1. Urna CB 362-1 e vaso acompanhante CB 362-2;
2. Urna CB 771-1 com vaso acompanhante CB 771-2; 3. Urna CB 854.



Cabeço da Bruxa, Alpiarça. 1-3. Urnas e vasos acompanhantes após o restauro; 1. Urna CB 362-1 e vaso acompanhante CB 362-2; 2. Urna CB 771-1 e vaso acompanhante CB 771-2; 3. Urna CB 854; 4. Braceletes de bronze CB 1831 encontrados próximo da Urna CB 854. 1-3 aprox. 1:3; 4 aprox. 1:2,5



Cabeço da Bruxa, Alpiarça. 1-2. Idolos-de-Cornos CB 856 e CB 1213-1 descobertos durante a segunda campanha. Diâmetro na base aprox. 10 cm; 3. Caco de vaso campaniforme CB 1 (achado de superfície). 1:1; 4. Fragmento de lucerna romana CB 638. 2,5:1; 5-6. Moeda CB 370. Diâmetro 2,3 cm.